

**Observações sobre a influência recíproca da razão sobre a linguagem,
e da linguagem sobre a razão**

*Johann Georg Sulzer*¹

Tradução de *Márcio Suzuki*²

Se encontramos grandes dificuldades nas investigações sobre a origem da linguagem, isso se deve a que essa questão parece não admitir nenhum ponto fixo do qual possamos partir. Acreditamos, por um lado, que a linguagem supõe uma razão cultivada até certo ponto; enquanto, por outro, não concebemos de modo algum como a razão poderia ter feito progressos sem o auxílio da linguagem. Essas duas faculdades parecem ser, ao mesmo tempo, causa e efeito uma da outra. Ao que parece, foi essa dificuldade, de início aparentemente insuperável, que levou grandes filósofos a crer que, para explicar a origem da linguagem, é preciso recorrer a um milagre. Há de se convir, no entanto, que em boa filosofia não se deve absolutamente recorrer a causas sobrenaturais enquanto a insuficiência das causas naturais não estiver bem demonstrada. O objetivo desta Memória não é tratar essa matéria em toda a sua extensão, mas lançar sobre ela alguma luz, se isso me for possível, a partir de observações que meditei sobre a influência recíproca que essas duas faculdades exercem uma sobre a outra.

Se consideramos a linguagem em geral, ela não parece apresentar senão arranjos bastante simples: palavras, cada uma das quais tomada à parte é signo de uma ideia; enunciados, ou frases simples, que marcam relações bastante simples entre duas ideias; por fim, proposições compostas de várias frases e que exprimem uma sequência de relações. Isso é perfeitamente análogo ao cálculo algébrico, no qual cada letra tomada à parte marca uma quantidade, duas letras unidas ou separadas por um sinal de ligação são uma espécie de enunciado simples e, por fim, uma fórmula, composta de várias letras por meio de sinais de relação, marca uma proposição.

A primeira coisa que se apresenta nas investigações sobre a origem da linguagem são as palavras. Qual pode ter sido a marcha do espírito para que o homem pensasse em procurar sinais próprios para representar ideias, e por que meios encontrou

¹ Filósofo e teólogo suíço (1720-1779). Tradução a partir de “Observations sur l’influence reciproque de la raison sur le langage et du langage sur la raison” In: *Histoire de l’Academie Royale des Sciences et Belles Lettres*, 1767, pp. 413-438.

² Professor do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo.

esses sinais? Eis as duas primeiras questões acerca das quais farei observações que, se não me engano, servirão para facilitar a solução desse problema.

A história não pode nos ajudar a remontar até a aurora da razão, para ver ali os primeiros esforços que o homem fez para iniciar uma linguagem. Não parece sequer necessário retomar as coisas de tão longe. Aquilo que o homem instruído faz hoje nos fará conceber o que o homem bruto fazia, quando ainda desprovido do dom da palavra. Os procedimentos do espírito são sempre os mesmos; as línguas se enriquecem e se aperfeiçoam provavelmente pelas mesmas operações que estabeleceram os seus primeiros fundamentos. Trata-se, portanto, de recolher exatamente aquilo que a experiência nos fornece a esse respeito.

É conhecida a história do cego de nascença que conseguiu ver graças a uma operação bem sucedida, realizada quando já tinha atingido a idade da razão. Quando viu pela primeira vez os diversos objetos localizados em seu quarto, não distinguiu nada. Nada lhe tocou a não ser o *conjunto*, que lhe pareceu ser uma peça só; tomou-o por uma superfície contínua, diversamente colorida em suas partes. Não lhe ocorreu de modo algum imaginar que aquilo que via era composto de diversos objetos separados uns dos outros, e, por conseguinte, tampouco lhe ocorreu procurar nomeá-los. Esse fato nos apresenta uma imagem daquilo que se passa no espírito quando vemos pela primeira vez objetos absolutamente desconhecidos, e mesmo o que se passou no espírito do homem bruto. Seus sentidos foram tocados por mil objetos, confundidos numa massa homogênea, na qual não conseguia distinguir nada. Ora, é evidente que, antes que se pudesse pensar em dar nome a uma coisa, era preciso distingui-la da massa total das percepções e vê-la como um objeto à parte, separado ou distinguido dos demais. O primeiro passo que o homem teve de dar para chegar a uma língua consistiu, portanto, nisto: distinguir, nas suas percepções, certas partes como seres separados ou isolados. Ora, esse primeiro passo só pôde ser dado depois que o homem se familiarizou com esses objetos; pois enquanto um objeto é absolutamente novo para nós, é difícil distinguir alguma coisa nele. Essa marcha do espírito se observa por toda parte. Aqueles que ouvem pela primeira vez uma língua desconhecida, não distinguem nem sílabas, nem palavras. O discurso lhes parece um ruído contínuo, sem partes separadas; só depois de ouvir com frequência as mesmas frases é que se consegue distinguir as palavras. O mesmo se dá com todos os objetos novos. O homem que jamais viu uma obra de arquitetura, veria uma parede colocada sobre um soco, coroada por uma cornija e ornada de pilastras, sem pensar em distinguir essas coisas. Se lhe perguntassem o que vê, responderia que vê uma parede, e uma parede de uma peça só: a novidade do objeto

não lhe permitiria notar que soco, cornija e pilastras são partes da parede separáveis pelo pensamento. Em geral, toda ideia acerca da qual não se refletiu, permanece confusa, isto é, tal que nela não se distingue nada, embora seja composta de partes que podem ser representadas separadamente. Pergunte à maior parte dos homens pouco dados a refletir o que são certas coisas que viu mil vezes, e você os verá bastante embaraçados na busca da resposta. Isso porque, não tendo distinguido as partes de que se compõe um objeto, eles não são capazes de descrever o objeto ou de nomear suas partes, ainda que os nomes dessas partes lhes sejam conhecidos.

Esse primeiro passo que o homem tinha de dar para inventar uma linguagem era mais ou menos difícil segundo a natureza dos objetos. Para alguns bastava uma atenção ligeira; para outros era necessário espírito de observação e uma reflexão sustentada pelo gênio; por fim, em certos casos, era preciso ainda que o acaso cooperasse com o gênio. Aqui é necessário entrar em certos detalhes a respeito dessas operações do espírito.

A visão é, de todos os sentidos, o que mais nos facilita essa primeira operação da mente pela qual separamos certos objetos da massa confusa de nossas percepções. É o único sentido que nos faz perceber bem rápido que os objetos de que excita a sensação se encontram fora de nós. Todos os outros nos ocultam o objeto da sensação, e só nos dão a perceber o efeito que provocam sobre nossos órgãos. A visão se faz por impressões tão fracas, que não sentimos a ação da luz sobre o olho; ali, a atenção está inteiramente dirigida para o objeto, e não para o órgão que a sente, como nas outras sensações. Além disso, a sensação da visão é, nela mesma, menos homogênea que as dos outros sentidos. As cores se distinguem uma das outras de modo infinitamente melhor que os sons ou os odores; e vemos, além das cores, as formas dos corpos e seu movimento. É provável, pois, que os objetos visíveis tenham sido os primeiros que os homens distinguiu, e a respeito dos quais formou ideias claras. Alguém que viu pela primeira vez a cena da natureza estampada ao seu olhar, viu um quadro plano, diversamente colorido em suas partes. Mas, além das cores, ali distinguiu as formas e, vendo rapidamente que algumas partes que começara a distinguir mudavam de lugar, foi-lhe fácil vê-las como partes separadas. O pássaro que antes parecia fazer parte da árvore na qual estava empoleirado levantou voo, e nisso se escutou um som. Bastava pouca atenção para formar uma ideia desse pássaro, destacada da massa da percepção total da cena visível. É assim que, com leve esforço, o homem chegou a adquirir ideias a respeito das coisas visíveis.

Era preciso mais que simples atenção para apreender as ideias das propriedades e acidentes dos corpos; para isso era necessário espírito de observação e de comparação. Bem podemos sentir que o homem bruto, abandonado a si próprio, não desenvolve essa qualidade a não ser em ocasiões extraordinárias. De ordinário são as solicitações da necessidade que tornam o homem engenhoso, forçando-o a voltar toda a sua atenção para o objeto de seus desejos. É essa atenção detida que torna os objetos familiares. É provável que alguém com muita sede, que só encontrou alívio depois de inúmeras tentativas, tenha dessa forma apreendido a distinguir claramente a água de todas as matérias sensíveis, considerando-a como elemento próprio para aliviá-lo numa necessidade tão urgente.

Provavelmente um grande número de ideias se deve ao acaso. A maioria das ideias *relativas* me parece estar incluída aqui: nós talvez jamais as teríamos formado, se a experiência não houvesse dado ensejo à observação dos seus *correlativos*. Jamais teríamos formado, por exemplo, a ideia da *solidez*, se jamais tivéssemos sentido matérias fluidas. É até muito provável que existam propriedades gerais dos corpos de que não fazemos ideia, pela simples razão de que jamais se observou o que lhes é contrário. Em muitos aspectos nos encontramos no caso daquela senhora que não suspeitava que o marido tinha um grande defeito, porque não freqüentava outros homens que eram isentos dele. Sentimos muitas coisas sem o saber, porque a sensação não cessa nunca. É assim que, durante todo o dia, podemos ouvir um barulho suficientemente forte sem dele nos apercebermos, a menos que tapemos os ouvidos por alguns instantes.

É, portanto, por esses diversos meios de que acabo de falar que o homem consegue pouco a pouco deslindar o caos de suas percepções, e ter um conhecimento claro de algumas ideias em particular; operação que deve necessariamente preceder a invenção das palavras, visto que só pode nos ocorrer nomear aquelas coisas de que temos ideia clara. Vemos por isso, seja dito de passagem, que o número de palavras numa língua não pode jamais ultrapassar o número de ideias claras encontrado em todos os indivíduos da nação que fala essa língua. E como é provável que o número de ideias claras não ultrapassa muito o das palavras, segue-se que o número de palavras de uma língua, junto com o número de suas significações derivadas, é a soma de todas as ideias claras encontrada na nação que fala essa língua.

Do que acabamos de observar podemos ainda tirar esta consequência: aquele que inventa um termo novo, ou que emprega uma palavra já conhecida numa significação nova, enriqueceu o fundo de conhecimentos com uma nova ideia. Dando isso por suposto, não seria impossível determinar, de tempos em tempos, o progresso nos conhecimentos de uma nação a partir de certa época. Bastaria incumbir os literatos filósofos de ler todas as obras publicadas, a fim de que delas extraíssem todos os termos novos e todas as palavras tomadas num sentido novo, para as quais não houvesse verdadeiros sinônimos na língua. Esses termos provariam que o espírito se enriqueceu, na mesma medida, de ideias novas. Mas retomo minha rota.

Depois de fazer ver como o homem pôde chegar a fixar certas ideias, trata-se de ver como pôde encontrar os sons que poderiam servir de sinais para excitar as mesmas ideias no espírito dos outros. Na língua, esses sinais não passam de sons; e inicialmente não se vê como um som pode ser sinal inteligível de uma ideia, que parece não ter nada em comum com o som. Para que se conceba claramente a marcha do espírito nessa invenção, é preciso começar por observar que há muitos objetos na natureza que se fazem notar pelos sons. Depois que o homem distinguiu esses objetos e formou ideias a respeito, ele não mais podia encontrar grandes dificuldades para os designar; bastava-lhe imitar os mesmos sons pelos quais esses objetos se fazem notar. Pois vemos que os órgãos da voz são bastante flexíveis no homem, e que ele imita sem dificuldade um grande número de sons diferentes.

É bem provável que os sons imitados foram as primeiras palavras em todas as línguas. Ainda vemos os traços deles nas línguas formadas, a despeito das grandes mudanças que estas sofreram desde sua origem. Como, no entanto, esses sons não são articulados, eles podiam ser imitados de várias maneiras, e o mesmo som natural podia fazer nascer mais de uma palavra, dependendo do grau de fineza dos órgãos daquele que os imitava. É isso que produziu a diversidade das línguas. O latido de um cão, por exemplo, podia ser imitado, por uns, pronunciando-se com força a sílaba *hou*, enquanto outros acreditavam imitá-lo pelo som *haou*. A uns parecia que o grito do pato poderia ser reproduzido pela palavra *ana*, a outros, pelo som *ant*; e é daí que vem a dupla denominação desse animal, chamado *anas* em latim e *ant* ou *ent* em alemão. Acrescentemos que os próprios sons naturais variam e ocasionam, por isso, diversidade nas imitações. Sabemos que o barulho do trovão se assemelha tanto ao som da sílaba *ton*, como ao da sílaba *bron*, de maneira que a palavra grega *bronte*, *brontai*, podia ser o

sinal do trovão, do mesmo modo que a palavra latina *tonitru* ou o francês *tonnerre*. Podemos fazer a mesma observação a respeito do grito do touro (que se assemelha tanto à palavra grega *bus* (*bous*), como à palavra alemã *ochs*) e de um grande número de outros sons naturais.

Parece, portanto, que a invenção das palavras por meio das quais se exprimem as coisas que na natureza se fazem notar pelos sons não foi muito difícil, e que ela não ultrapassava as forças do homem bruto. Ora, tendo estabelecido esses primeiros elementos de um vocabulário, podemos conceber como puderam servir a dar uma extensão maior à primeira linguagem. No entanto, uma vez que o maior número de nossas ideias não tem relação aparente com o som, podemos perguntar como ocorreu ao homem servir-se de um som para designar uma coisa que não tem relação imediata com o som. É isso que irei examinar.

Vemos que aqueles que descobrem ou concebem ideias novas jamais criam os sons para exprimi-las; pois tomam um som já conhecido, quer na língua deles, quer noutra, e o alteram um pouco, ou lhe dão novo sentido. E tanto mais que podemos supor que aos primeiros homens jamais poderia ocorrer a ideia de exprimir algo mediante um signo puramente arbitrário, eles que não tinham a facilidade de hoje de marcar mediante definições ou descrições o sentido dos termos novos. É preciso certamente que tenham tido razões tiradas da natureza para dar tal nome a tal coisa. A dificuldade dessa questão consiste em encontrar a ligação natural entre sons e coisas *não sonoras*. É infinitamente mais fácil sentir como as coisas se passaram que descrever claramente a marcha do espírito nessas operações. Quem quiser refletir sobre as metáforas, e mesmo sobre todos os tropos, que constituem o maior número de termos em todas as línguas do mundo, verá como o espírito do homem é engenhoso em encontrar semelhanças, e qual é a extensão dessa faculdade que produz a associação de ideias. Esse talento é inato no homem: os povos mais grosseiros e mais próximos do estado bruto, e mesmo os homens que nasceram surdos-mudos o possuem. Uma atenção minimamente refletida basta para pô-lo em uso. Ele também era, portanto, apanágio do homem antes que sua linguagem se formasse. E é esse talento, comum a todos os homens, que deu à linguagem, muito pobre em seus primórdios, essa amplitude que a tornou própria para exprimir as coisas mais distantes, não somente do sentido da audição, mas de toda matéria.

É a imaginação que dá corpo ou forma material a toda percepção clara. A natureza de nossa mente é tal, que ela faz esforços contínuos para tornar claras as suas percepções e para nelas imprimir marcas apropriadas a trazê-las de volta à memória. Ora, nada é mais claro que nossas sensações, e aquelas, principalmente, que são produzidas pela visão, nós as referimos aos sentidos, e todas as percepções intelectuais, nós as referimos principalmente à visão. Compreende-se desse modo como o homem pôde encontrar analogia entre os objetos que tinham nome na sua primeira linguagem e outros que pareciam de início fora de toda ligação com os sons; e como um pequeno número de sons naturais que ele imitou pôde dar origem a uma linguagem que exprime coisas não sensíveis. Os sons que quase todos os cães fazem quando estão irritados pode ser reproduzido pelas sílabas *orr*, *irr* ou *err*; a cólera do homem tem manifesta analogia com essa paixão do cão que podia ser expressa pelas referidas sílabas; donde muito naturalmente terão nascido as palavras *orgé*, *ira*, *irrité*, que caracterizam a paixão da cólera no homem. Dali bastou um passo, fácil de dar, para que a mesma palavra *orgé* fosse empregada para designar toda paixão impetuosa em geral. Tal marcha do espírito exclui inteiramente as aplicações puramente arbitrárias de um termo portador de uma significação nova.

Se conservamos os primeiros termos radicais das línguas, creio que poderíamos fazer ver exatamente a marcha que o espírito seguiu para chegar às significações as mais afastadas do primeiro sentido. Mas, como nos falta a grande maioria desses termos, visto que os primeiros nomes já não são conhecíveis sob as formas que tiveram de tomar após terem passado por uma série de alterações, só muito raramente é possível descobrir os liames que unem as diversas significações de um mesmo termo. Assim, é fácil ver como esse ser ativo que constitui nossa essência recebeu, na língua francesa, o nome de *âme* [alma]. É que esse mesmo ser se denominava *animus* ou *anima* em latim, e a mesma palavra servia anteriormente para exprimir hálito ou alento [*haleine*], e isso vinha de que, em grego, a palavra *ánemos* significa vento. As ligações entre essas significações são visíveis, mas, por falta de saber a origem dessa última palavra, ignoramos como se teve a ideia de dar ao vento o nome *ánemos*. Se a língua latina tivesse desaparecido, não teríamos compreendido absolutamente nada da significação da palavra *âme*. É justamente o que ocorreu com um grande número de palavras originárias de algumas línguas absolutamente perdidas, palavras que acabaram acolhidas em outras.

Observemos aqui que a história etimológica das línguas seria, indubitavelmente, a melhor história do progresso do espírito humano. Nada seria mais precioso para um filósofo que essa história. Ele veria ali cada passo que o homem deu até chegar, aos poucos, à razão e aos conhecimentos; ali descobriria os primeiros traços do espírito e do gênio, os germes do juízo, as primeiras descobertas da razão nascente. Um fragmento precioso nesse gênero pode ser encontrado na Compilação de peças que concorreram ao prêmio da Academia do ano de 1759. O autor da peça, que não passa de um fragmento de um grande tratado sobre a origem das línguas, guardou o *incognito*, apesar das solicitações da Academia, que desejava conhecê-lo, e o teria encorajado a levar adiante suas investigações profundas. Seria desejável que se recolhesse tudo o que nos resta de certo sobre a genealogia das palavras. Pois as línguas se modificam tão consideravelmente com o passar do tempo, que corremos o risco de perder, no fim, as origens todas das palavras. Bem se vê que aqui não falo absolutamente dos trabalhos dos etimologistas ordinários, que, em sua maior parte, são bastante frívolos. Os etimologistas que estimo são aqueles que nos dessem a ver os progressos do espírito humano, segundo as observações que acabo de fazer sobre a formação sucessiva das línguas.

Acabo de mostrar o que foi feito pelo espírito e gênio do homem bruto para chegar aos elementos de uma língua; devo examinar agora as vantagens que o espírito pôde tirar da linguagem, a fim de fazer os maiores progressos em direção à razão cultivada. No entanto, como até agora falei apenas da invenção dos nomes, não vejo ainda a língua senão como uma *nomenclatura*, como uma simples lista de nomes. Não falarei sequer da primeira vantagem que o homem tirou da sua linguagem, que foi a de comunicar aos outros algumas de suas ideias. Isso é, por si só, bastante evidente. Proponho-me a examinar que vantagem os nomes impostos às coisas proporcionaram relativamente ao progresso que o homem bruto devia fazer para chegar a uma razão cultivada. Figuro para mim dois homens do mesmo gênio e experiência, que tenham o mesmo número de ideias claras, com a diferença de que um deles tem a faculdade de as designar pelos nomes, e o outro é dela privado; examinarei qual seria vantagem que aquele teria em relação a este.

Antes de tudo, penso que os nomes asseguram a posse das ideias claras, grande número das quais se apagaria da mente sem o recurso deles. A memória é uma faculdade demasiadamente mecânica; parece que a mente não se lembra de nada a não

ser com auxílio de alguma sensação ligada à ideia que ela reproduz. A história de uma criança selvagem encontrada nos bosques, em que se encontrava exposta desde sua primeira infância, nos ensina que falta absolutamente memória ao homem que não pode fixar suas ideias por meio de signos. Temos muito mais facilidade de nos lembrar de ideias sensíveis do que de ideias abstratas. Se as palavras não dessem corpo às ideias, só nos recordaríamos das ideias de coisas sensíveis, bem distintas por si mesmas, como aquelas de uma árvore, de um animal e de outras coisas semelhantes; todas as outras ideias se apagariam da mente sem o recurso das palavras. Os sons, sobretudo quando são bem articulados, são sensações de que nos lembramos com muita facilidade. Toda vez, portanto, que uma coisa é designada por uma palavra, relembramos ao mesmo tempo essa palavra, e ela nos lembra que esse objeto é um ser de que já tivemos a ideia; o que nos leva a repetir, embora muito rapidamente, a operação pela qual chegamos pela primeira vez a formar a ideia clara desse objeto. Por outro lado, os sons que já nos tocaram o ouvido, voltam de tempos em tempos, quer realmente os ouçamos, quer algum som análogo nos faça lembrar deles; então, a ideia que havíamos associado a eles também é relembrada. Qualquer um sabe, por experiência própria, como é difícil lembrar as ideias que ainda não sabemos exprimir; e aqueles que leem as obras dos filósofos modernos com a devida atenção para notar os insensíveis progressos do espírito humano, terão observado que as ideias novas que os inventores apresentam, de tempos em tempos, só vingam no espírito do público e se difundem depois que se encontraram os termos próprios para fixá-las. Bastante digno de nota é o lento crescimento de ramos inteiros de nossos conhecimentos, antes que se chegue a estabelecer a linguagem própria a tais espécies de verdade. Conhecimentos bastante importantes, claramente desenvolvidos nos escritos dos gênios inventores, às vezes permanecem de certo modo ocultos ou indecifráveis por meio século, até que outro gênio venha formar e estabelecer a linguagem requerida por eles. Então, é trazido à luz do dia e colocado ao alcance de todos o que jazia enterrado nas minas. É o serviço que o célebre Wolff prestou às verdades que haviam sido vistas e propostas por Leibniz.

Essa observação merece ser posta à mais clara luz do dia. Suponhamos, para esse efeito, que um grande arquiteto empreendesse difundir a ciência e o gosto de sua arte entre um povo ao qual ela ainda permanecesse desconhecida. Que ele fale de edifícios com toda a clareza imaginável, mas sem se servir dos termos da arte e de expressões próprias aos arquitetos; que supra essa deficiência dos termos com descrições e até com boas definições, é certo que ele avançará com extrema lentidão.

Mas se, em vez desse método, ele começar a tornar a linguagem de sua arte familiar a seus alunos, em pouco tempo conseguirá lhes comunicar também a ciência e o gosto dela. Por mais luminoso que seja o autor que escolhemos por guia, por mais límpidas e precisas que sejam suas definições, só captamos as coisas depois que a linguagem própria ao gênero de conhecimento se tornou familiar para nós. Então, de um só lance, a clareza do dia sucede ao longo e tenebroso crepúsculo em que antes estávamos submersos. Prova suficiente do quanto memória e imaginação ganham com os nomes.

Acrescento ainda outra observação. Frequentemente, o concurso fortuito de várias circunstâncias nos faz perceber uma ideia nova e importante. Nesse caso, estamos quase certos de que iremos perdê-la dali a pouco, se não tomarmos precaução de a marcar com algum sinal. Para fazer com que a mesma ideia ressurgja, seria necessário o mesmo concurso de circunstâncias, o que quase nunca ocorre. Se temos um nome próprio para lembrar as principais dentre elas, então, com ajuda dessa palavra, todas elas ressurgem e trazem de novo aquela ideia, cuja perda nos deixaria desgostos. Eis em que consiste a primeira vantagem da linguagem.

Observo, em segundo lugar, que as palavras abreviam consideravelmente todas as operações do espírito, substituindo com frequência as ideias que elas representam, e sem risco nenhum, desde que não haja abuso. Em inúmeros casos, as palavras possuem a mesma vantagem que os caracteres no cálculo. Sabemos que seria impossível encontrar, por raciocínio, o resultado de grande número de cálculos, isto é, se em vez de caracteres quiséssemos raciocinar sempre utilizando as ideias, com frequência não chegaríamos à conclusão última que buscamos. No cálculo, operamos simplesmente com os caracteres e nos contentamos de traduzi-los ou de substituí-los pelas ideias, quando, com auxílio do mecanismo do cálculo, as fórmulas são reduzidas a uma certa simplicidade. É assim que, com muita frequência, podemos raciocinar com as palavras, ou apenas com os sinais, sem nos dar conta, a cada instante, da sua significação; o que abrevia consideravelmente o raciocínio e o torna claro pela abreviação. Essa observação foi feita por vários filósofos, e como já foi muito bem desenvolvida pelo senhor Lambert no seu *Organon*, posso me dispensar de falar mais longamente a respeito. Eis, pois, em que consiste a segunda vantagem, muito importante, da linguagem.

A terceira vantagem resulta de que as palavras levam à observação ou à reflexão sobre as coisas mesmas, fortificando, desta maneira, o espírito de invenção. As palavras

ou termos próprios a um certo gênero formam, para esse gênero, aquilo que os antigos denominavam *tópicos*, com ajuda dos quais podemos ampliar os conhecimentos desses objetos. Aqueles que, em se tratando de pintura, detêm todos os termos da arte, encontram-se em melhor condição de julgar se um quadro é conforme ou não a todas as regras da arte. Podemos conceber, sem grande dificuldade, como os termos bastam por si sós para nos orientar no exame de uma peça de pintura. Isso me dispensa de entrar num detalhe que poderia ser entediante se não fosse útil tê-lo diante dos olhos para apreender a vantagem dos termos próprios à arte. Aqueles que têm familiaridade com os termos da *ontologia*, os quais exprimem as qualidades e as relações comuns aos seres em geral, têm muito mais facilidade de analisar as matérias filosóficas que aqueles que ignoram esses termos. Muitos filósofos que afetam soberano desprezo pela ontologia ignoram o quanto devem a essa ciência, apenas por sua nomenclatura. Ciência alguma jamais poderá pecar por número excessivo de termos, se a cada termo corresponder uma noção real. As palavras *por quê? quando? como? por quem? para quem? relação, essência, acidente* etc. frequentemente ocasionam investigações que negligenciaríamos se a memória não fornecesse essas palavras, e se essas palavras não tivessem relações com as ideias que elas exprimem. Foi assim que o célebre Lineu ampliou consideravelmente a botânica introduzindo simplesmente grande número de termos para designar as formas, as figuras, as situações e proporções das partes nas plantas. Um botânico, munido do conhecimento desses termos, pode descrever infinitamente melhor do que antes uma planta, a fim de conhecer o gênero e a espécie a que pertence. Muitas das plantas descritas por Teofrasto, Dioscorides e outros antigos permanecem inteiramente desconhecidas para nós simplesmente porque naqueles tempos faltava a nomenclatura da botânica. O conhecimento exato e aprofundado de qualquer assunto depende, pois, em grande medida, da riqueza da língua na qual se pensa. O grau de amplitude, clareza e precisão de nossos conhecimentos é sempre igual àquele no qual sabemos comunicá-los. Todo homem que, por falta de termos e expressões, não sabe se explicar clara e limpidamente, também não pensa com clareza e limpidez. Pois, sem o auxílio das palavras, temos apenas um conhecimento *intuitivo* das coisas, sentimos apenas confusamente aquilo que lhes pertence. As palavras que designam as partes de um pensamento ou de uma ideia, a deslindam e nos põem em condição de a desenvolver exatamente.

Isso merece uma consideração particular, pois é nesse aspecto que uma língua bem cultivada fornece parte das vantagens que um grande filósofo desejou obter para as

ciências mediante uma espécie de língua universal e filosófica. Essas vantagens consistem em que uma língua suficientemente rica pode servir de cálculo para determinar exatamente aquilo que, quando nos falta essa riqueza, só podemos avaliar por aproximação. Assim como o mecânico que não é calculador conhece aproximadamente, por estimativa, o efeito que uma máquina deve produzir, enquanto o geômetra, sabendo determinar e marcar por sinais as menores minúcias de todas as quantidades que entram como causa ou efeito na ação da máquina, determina bem exatamente o seu efeito total; assim também, o homem de gênio cuja língua é pobre, sente por vezes as coisas por uma espécie de estimativa, enquanto o filósofo que possui uma língua rica determina bem exatamente o que o primeiro só veria aproximadamente. Há mil coisas de que temos apenas conhecimentos bastante imperfeitos unicamente por falta dos termos. Quem é capaz de descrever exatamente uma fisionomia? O olho sozinho, quantas coisas não anuncia sem que ninguém possa descrever as modificações desse órgão que produzem essas expressões? Como descrever a outro a forma e a aparência do olho vivo ou do olho lânguido; do olho que caracteriza o desejo, a confiança, o temor, o embaraço? Ora, sentimos tudo isso, e ninguém é capaz de o exprimir. Não creio, porém, que isso seja impossível; há cem anos teríamos duvidado que fosse possível descrever uma planta a ponto de torná-la conhecida daquele que a visse pela primeira vez. Sou da opinião de que se, para conhecer exatamente as fisionomias e nomear todas as modificações do rosto e de suas partes, o gênio do homem tivesse feito tantos esforços quantos feitos para descrever as plantas, hoje nós descreveríamos as fisionomias com a mesma exatidão que descrevemos as plantas. Ora, é por essa facilidade de descrever as coisas exatamente que o raciocínio pode atingir a evidência e a certeza que admiramos nas matemáticas.

Pois a verdadeira razão da evidência que frequentemente se considera privilégio exclusivo dessa ciência vem de que, nos raciocínios dos geômetras, não entra absolutamente nenhuma ideia que não seja expressa por um sinal, seja ele palavra, seja caractere. Com esse recurso, podemos sempre estar certos de não ter negligenciado nada e de ter levando em conta tudo o que influencia as conclusões. Se você duvida, por exemplo, de que os dois termos de uma proposição analítica são iguais como o julga o geômetra, ele poderá convencê-lo disso desenvolvendo os termos de cada membro; e esse desenvolvimento sempre é possível, porque a menor quantidade que entra na composição desses termos pode ser marcada pelo seu sinal. Ora, onde quer que o

filósofo tenha essa mesma vantagem que o geômetra (o que, no entanto, acontece raramente), seus raciocínios são tão evidentes e tão certos quanto os do geômetra.

Vemos, assim, qual é a importância da riqueza de uma língua para o avanço e certeza dos conhecimentos, e avançar nesses conhecimentos e em sua certeza é inventar as palavras. Isso será mais evidente para aqueles que queiram refletir sobre a seguinte observação.

Vários grandes geômetras que trabalharam antes da descoberta do cálculo infinitesimal detinham aproximadamente os conhecimentos que, juntamente com a prática desse cálculo, produziram tão grandes descobertas nas matemáticas. Não lhes faltava senão os sinais e o *algoritmo* do cálculo, ou essa espécie de língua pela qual teriam expresso distintamente as mesmas ideias que haviam sentido. Por não terem tentado, ou por não terem talvez conseguido encontrar um método conveniente para marcar suas ideias, mil verdades muito importantes lhes escaparam. A mesma coisa ocorreu com vários dos filósofos antigos, que possuíam implicitamente tudo o que era necessário para alcançar a certeza das diversas verdades metafísicas, mas não chegaram a elas por não saberem seguir os raciocínios, privados que eram dos termos apropriados para fixar suas ideias confusas. Mais refletimos sobre a essência da linguagem, mais vemos que a palavra está para a razão e para os conhecimentos em geral, assim como a análise está para as matemáticas. Essa analogia aparece ainda mais claramente nas partes da análise em que essa bela ciência ainda é defeituosa. Sabemos que a única razão por que a solução de vários problemas não pôde até agora ser alcançada é a de que a língua analítica é imperfeita, restando fórmulas e quantidades complexas que não podem ser desenvolvidas por falta de termos, ou de sinais. Várias descobertas do cálculo não passam, no fundo, de novas maneiras de designar as coisas antes conhecidas. Com frequência, mesmo uma maneira nova de exprimir ou caracterizar coisas para as quais já se tinham caracteres menos perfeitos leva a belas descobertas. Uma maneira mais feliz de exprimir um pensamento pode, pela mesma razão, ocasionar ou mesmo operar novas descobertas.

As observações que acabo de fazer se aplicam a todas as palavras em geral, mesmo quando sejam apenas signos puramente arbitrários de noções a elas correspondentes. Mas há uma classe de palavras que merece particular atenção, e cuja

influência sobre a razão é mais importante ainda. São os termos que, por sua significação primitiva, se tornam signos naturais das ideias que exprimem.

Entendo por signos naturais os termos que exprimem as semelhanças reais ou metafísicas entre dois objetos, de que um corresponde ao sentido próprio, o outro ao sentido figurado da palavra. Tal é, por exemplo, a palavra *éblouir* [deslumbrar], que, no sentido próprio, marca um efeito muito grande da luz, pelo qual a visão é turvada, e, no sentido figurado, uma força muito grande na percepção. Tais são em geral todas as expressões metafóricas. Iremos considerar as vantagens que delas se tira para a cultura do espírito.

Em nossas percepções há um número infinito de ideias bastante obscuras que sentimos sem poder discriminar. Os homens de gênio, dotados de grande penetração, têm menos dessas ideias que os outros; os esforços por torná-las claras lhes fazem descobrir semelhanças entre essas ideias e outras mais fáceis de ser apreendidas. Dali nascem as expressões metafóricas, por meio das quais as ideias obscuras se tornam claras a homens de menor gênio. Pois, assim que nos advertem de que uma coisa de que não pudemos formar uma ideia justa se assemelha a outra coisa que conhecemos melhor, nós nos esforçamos em descobrir essa semelhança; nós a descobrimos pouco a pouco e, dessa maneira, nossa ideia obscura se modifica numa ideia clara. Essa é a primeira vantagem que tiramos das metáforas. Vemos os homens deitados no chão; suas atitudes nos fazem perceber que estão bastante fatigados; cada membro exprime a prostração que os abate; mas não discriminamos em que consiste essa expressão. Virgílio, que viu pessoas nessa situação, diz que seus corpos tinham sido *derramados sobre a relva, fusi per herbam*. Essa metáfora bastante feliz difunde grande luz sobre esse quadro; cada membro daqueles homens tão fatigados nos parece desenhado com exatidão.

Tal metáfora produz efeito semelhante ao causado pelas figuras na geometria. Essa ciência ainda estaria em sua infância sem o auxílio das figuras, que ajudam a mente a fixar com exatidão e limpidez as ideias, as quais, sem isso, permaneceriam tão confusas que não tiraríamos nenhum partido delas. É assim que a metáfora nos ajuda a fixar as ideias que, sem esse auxílio, permaneceriam confundidas na massa de nossas percepções, e é assim que torna visível e palpável o que parece imperceptível à mente. Para compreender toda a importância dessa vantagem da metáfora, é preciso considerar

que as mentes mais penetrantes sentem a cada instante uma infinidade de coisas que não discernem, e que há, por conseguinte, na mente do homem um número infinito de ideias obscuras que põem limites ao progresso de seus conhecimentos. Cada metáfora bem encontrada faz recuar esses limites, ao tirar da obscuridade uma daquelas ideias, que permanecera inútil até então.

Com frequência ocorre até que essas metáforas levem a descobertas importantes. Vemos um exemplo bem notável disso na teoria das ideias de Leibniz. Esse grande homem, desenvolvendo o que havia de confuso nas expressões metafóricas de ideias *claras, obscuras, confusas e distintas*, lançou os fundamentos de uma lógica verdadeiramente útil e abriu, ao mesmo tempo, um caminho inteiramente novo, que forneceu posteriormente grande número de verdades importantes à psicologia. Os oradores reconheceram essa vantagem das metáforas há muito tempo, pois recomendaram, como regra bem importante para a invenção dos argumentos, a redução dos termos metafóricos à sua significação primitiva. É certo que frequentemente o sentido primitivo de uma palavra faz descobrir uma imagem, de onde tiramos esclarecimentos bem consideráveis, que em vão teríamos procurado por outra via. Gostaria que um filósofo aproveitasse a voga excessiva em que agora se encontram os dicionários, e fizesse deles uma das mais ricas das metáforas. Tal obra, bem executada, seria um verdadeiro tesouro, e serviria para fazer avançar, de maneira bem considerável, os conhecimentos filosóficos em todos os seus gêneros. É evidente, ao menos, que as metáforas de uma língua encerram todas as verdades que entrevemos sem as poder desenvolver. Ora, é incontestável que todo homem sente infinitamente mais verdades do que pode demonstrar. Pois, como há ideias que apreendemos apenas por intuição, também há raciocínios intuitivos ou implícitos. Frequentemente sentimos a certeza de uma conclusão sem poder desenvolver as premissas das quais resulta. Isso ocorre em dois casos: ou quando as noções que entram num tal raciocínio são demasiado simples para ser desenvolvidas, ou quando seu número é muito grande para ser apreendido com clareza num só ato do espírito. Essas verdades, portanto, não podem ser demonstradas aos outros; mas uma imagem bem encontrada pode fazer com que sejam sentidas por eles. Por exemplo, se não conseguíssemos, por um raciocínio desenvolvido, convencer um homem de que há um Deus autor e conservador da ordem da natureza, poderíamos fazer com que sentisse essa verdade, dando-lhe a ver uma semelhança real entre o curso da natureza e um navio governado por um bom piloto. Assim que se percebe essa

semelhança, já não se carece do raciocínio para ser convencido da mais sublime de todas as verdades.

Essas observações fazem ver que os progressos da razão dependem muito da perfeição da parte metafórica das línguas. O filósofo aumenta o fundo de nossos conhecimentos mediante raciocínios demonstrativos, e o homem espirituoso faz recuar os limites deles pela invenção de metáforas acertadas. A imaginação é por vezes tão profunda quanto o entendimento mais penetrante. É a ela que devemos essas expressões felizes que fazem clarões de luz surgir das próprias trevas. O homem de espírito vê as semelhanças mais finas e mais profundamente ocultas; e seu gênio feliz acha meios de exprimi-las. Os escritos dos melhores poetas antigos e modernos e dos homens de espírito filosófico encerram tesouros desse gênero. Aquele que quisesse se dar ao trabalho de tirá-los dali, prestaria grande serviço à filosofia. Tal obra encerraria verdades as mais úteis sob a forma mais apropriada a causar impressão. Frequentemente, pois, a invenção de um termo ou de uma imagem pode valer como uma descoberta. Razão a mais para encorajar os homens de espírito. O filósofo busca sempre a verdade e frequentemente não dá com ela; o homem de espírito a encontra frequentemente sem a procurar.

O sucesso desse trabalho depende em grande parte do conhecimento das produções da natureza e das produções da arte. Pois é a analogia entre o mundo intelectual e o mundo visível que fornecesse essas expressões felizes. Temos nisso grande vantagem sobre os antigos; o conhecimento da natureza é infinitamente mais amplo e mais aprofundado que no tempo deles, e as artes fornecem número bastante grande de produções que lhes eram desconhecidas. Tal vantagem ainda não foi suficientemente aproveitada. Parece ao menos que, se as línguas modernas da Europa tivessem tirado dessas descobertas todo o proveito possível, elas teriam se enriquecido a tal ponto que, em matéria de moral e de filosofia, nós sentiríamos e exprimiríamos milhares de ideias desconhecidas dos antigos. Não pretendo dizer que nada foi aproveitado a esse respeito. Convenho que hoje se pintam muito melhor os sentimentos do coração do que os antigos eram capazes de fazê-lo; mas essa vantagem não me parece proporcional aos progressos feitos em todas as artes e todas as ciências. Creio que milhares de ideias ainda nos escapam, ideias que seria possível fixar por metáforas fornecidas por temos já conhecidos e empregados para exprimir coisas visíveis, análogas aos objetos intelectuais que ainda nos escapam. Observei com frequência que

peessoas que exercem artes mecânicas empregam metáforas muito bem encontradas, tiradas de termos técnicos de suas respectivas artes, mas desconhecidas das pessoas de uma condição mais alta. Os filósofos e os homens de espírito deveriam recolher esses termos e lhes dar significações mais gerais; a filosofia certamente tiraria considerável proveito disso.

Em todas as observações sobre as línguas que propus até aqui, não as tomei senão como dicionários de palavras: resta-me considerá-las na condição de discurso ou de instrumentos próprios para exprimir as mudanças que sucedem aos seres e às relações que há entre eles. É provável que a necessidade sozinha tenha produzido as primeiras tentativas de exprimir, pelas palavras, algo acontecido. Imagino que os primeiros homens tiveram por muito tempo ideias e nomes para exprimir certas coisas, antes de pensar em distinguir diversas modificações. Vendo, por exemplo, um animal de que tinham formado a ideia, e a que tinham dado um nome, a mesma ideia e o mesmo nome lhes ocorria, quer o animal estivesse deitado ou em pé, quer estivesse tranquilo ou andasse; de início eles não teriam separado as ideias dessas diversas modificações da ideia do animal mesmo. Só o hábito de ver esses objetos, ou algum evento interessante, pôde levá-los a dar esse passo. É o que ainda nos acontece com todos os objetos novos. Nós os vemos por muito tempo até distinguir várias de suas modificações. Um homem que sempre viveu dentro das muralhas de uma cidade, verá um campo coberto de diversas espécies de erva sem prestar a menor atenção a várias coisas que o botânico ou o cultivador nele observa ao primeiro golpe de vista.

Creio, pois, que os casos extraordinários levaram os homens a distinguir as modificações dos seres. Um lobo, por exemplo, destroça uma ovelha; o pastor quer instruir seus camaradas sobre o acontecido; ele vê muito bem que as palavras *lobo* e *ovelha* não bastam para lhes anunciar aquilo. Lembrando-se vivamente da cena, ele vê os dois animais, mas distingue mais a ação de um e o sofrimento do outro; ele procura expressá-los. Suponhamos que tenha encontrado um termo para exprimir a ação de *devorar*. Estando dadas essas três palavras *lobo*, *ovelha*, *devorar*, tratar-se-ia de enunciá-las de maneira a fazer compreender o que ocorreu. É visível que essas três palavras tomadas nos casos absolutos podiam bastar para determinar o sentido da frase *o lobo devorou a ovelha*, pois a parte sofredora estava bem determinada pela natureza mesma do assunto. Mas nem todos os casos são tão simples como este. Ele serve, no entanto, para nos fazer compreender que há casos em que os nomes postos juntos, sem

outras modificações, puderam exprimir uma frase. Seria necessário, depois disso, casos de outra natureza para tornar compreensível a esses homens que tais frases eram insuficientes para que se exprimissem sem equívoco. Tais casos podiam ocorrer muito facilmente. Suponhamos, por exemplo, que um homem, premido pela fome e querendo declarar essa necessidade, dissesse a seu camarada *eu comer*. Essas duas palavras podiam dizer que comeu ou que deseja comer. Percebe-se como era importante eliminar o equívoco de sua frase. A necessidade, que torna o indivíduo engenhoso, lhe teria feito tentar mil meios para obter resultado. Mudança de acento, inversão, terminação, som auxiliar, nada teria sido negligenciado para escapar ao embaraço. Tais são as primeiras tentativas de obter uma gramática. Não foi seguramente por teoria ou por especulação que os homens chegaram a modificar as palavras, a fim de exprimir as modificações das coisas; foi tão-somente a necessidade que os forçou a isso.

Mas como o homem descobriu essas modificações das palavras? Confesso que me parece muito difícil explicá-lo. Foi sem dúvida o acaso que mais contribuiu para isso. Assim, vemos que uns lograram êxito de um modo e outros, de outro, o que constitui as diferenças gramaticais nas diversas línguas. Foi, portanto, menos a razão que o acaso que deu início à gramática. Mas foi a razão, e uma razão bastante cultivada, que a aperfeiçoou.

Essas observações nos fazem descobrir bastante claramente a marcha que o homem seguiu para chegar aos elementos do discurso, ou a essas frases simples que exprimem uma única proposição. É provável que as línguas, mais bem cultivadas na sequência, permaneceram muito tempo nesse primeiro estado: há, inclusive, nações cuja língua ainda não saiu dessa infância.³ Quando refletimos sobre a prodigiosa distância que existe entre uma língua composta unicamente de frases simples e uma língua cultivada, com seus períodos compostos, temos dificuldade em conceber como o homem pôde dar o passo que o levou de uma a outra.

Representemos um homem, ainda meio selvagem, cuja língua se compõe apenas de monossílabos, mas não tem preposições, nem conjunções, nem modos verbais; suponhamos, digo, que esse homem procure contar que correu atrás de uma lebre, que a

³ Conserva-se na Biblioteca da Abadia de St. Gal, na Suíça, várias traduções alemãs de autores gregos e latinos: essas traduções são do século VII; a particularidade delas está em que as palavras alemãs se sucedem na mesma ordem que impera nos originais. Vemos mais ou menos a mesma coisa na tradução gótica dos Evangelhos, conhecida pelo nome de *Codex argenteus*, que é do século III. Isso prova que essas línguas ainda não tinham, naquele tempo, construção que lhes fosse própria.

teria pego se não tivesse caído no momento em que ia agarrá-la. É preciso um número de enunciados, ou de proposições simples, para contar esse fato, como, por exemplo, *corri atrás da lebre, estendi o braço, ia pegá-la, cai, não consegui pegá-la*. Comparemos esse longo discurso a uma frase que uma língua formada proporcionaria para exprimir a mesma coisa, e compreenderemos quantos passos é necessário dar para chegar de uma a outra.

Essa primeira linguagem monossilábica tinha, no entanto, uma vantagem bem considerável sobre aquela que se compunha tão-somente de nomes. Ela podia bastar para formar os raciocínios exatos, que se constituem quase unicamente por enunciados simples. A razão podia fazer progressos consideráveis mediante tal língua: esses progressos tornaram o homem capaz de aperfeiçoá-la pouco a pouco; mas a obra, naturalmente, devia ser longa e difícil.

Como a perfeição gramatical de uma língua é obra da razão e do gênio, ela pode servir de escala para medir o grau de razão e gênio dos povos. Se, por exemplo, não tivéssemos nenhum outro monumento para constatar o gênio venturoso dos gregos, a língua deles teria bastado. Quando uma língua, falando em termos gerais, é insuficiente para resgatar numa tradução as finezas de outra, isso é marca segura de que o povo para o qual se traduz tem o espírito menos cultivado que o outro.

Se foram razão e gênio que aperfeiçoaram as línguas, elas, de sua parte, prestaram os maiores serviços à razão e ao gênio. Podemos distinguir três períodos, ou épocas, nas línguas. O primeiro período é aquele em que a língua contém apenas nomes e verbos no infinitivo, os quais, no fundo, não passam de nomes; o segundo período é aquele em que, além dos nomes, ela contém enunciados simples ou proposições que comportam apenas um só sujeito com um atributo; o terceiro período, enfim, em que contém proposições complexas. No primeiro período da língua, o homem só pode ter conhecimentos intuitivos; o menor raciocínio é, então, impossível; no segundo, ele pode formar raciocínios exatos, mas eles têm a forma e a aridez das demonstrações da geometria; o homem pode contar seus fatos, mais lhe é preciso cem frases para uma narrativa que Tácito teria encerrado em duas linhas. Nenhum resumo, nenhuma reunião de certo número de ideias num só ponto de vista ocorria nessa língua, pois isso só é possível quando a língua está bem aperfeiçoada. Podemos comparar esses três períodos das línguas aos três períodos da pintura. No início, só se desenhavam figuras isoladas,

pois se juntavam várias figuras para exprimir uma ação; mas essa ação era representada sem ordenação e sem agrupamento, como vemos nos quadros hieroglíficos dos egípcios antigos. Por fim, teve-se o gênio de dar ordenação ao quadro. Um belo período do discurso se assemelha a um quadro de bela ordenação. Um discurso descosido, onde as frases simples se sucedem, é um quadro de hieróglifos. Esses quadros hieroglíficos serviam para instruir a posteridade sobre os eventos do tempo passado. Essa instrução, no entanto, era lenta e penosa, fornecendo apenas esqueletos de fatos. As línguas grosseiras estão no mesmo caso. Captamos apenas por alto e friamente as coisas ditas em outra língua; não há nada que excite a mente, ou que a leve a fazer esforços. Um discurso proferido numa língua bem cultivada é, para o ouvinte, exercício contínuo de todas as faculdades da alma. É preciso penetração, espírito, gênio, atenção refletida e, por vezes, sentimentos para bem captar o todo. É, pois, das ocupações mais úteis ler as obras mais bem escritas nas línguas as mais cultivadas. Em geral, aprender uma dessas línguas é aprender a pensar, a raciocinar; é formar o gosto e ampliar o gênio. Aqueles, pois, que aperfeiçoam as línguas e a eloquência, não servem menos bem aos homens que aqueles que descobrem verdades. Estes aumentam as riquezas do espírito, e aqueles as apresentam da maneira mais vantajosa, fortificando, ao mesmo tempo, todas as faculdades da alma, sem as quais os conhecimentos nos são bastante inúteis. É bem difícil, portanto, dizer a que os homens devem mais, se às descobertas dos filósofos ou aos trabalhos dos homens de espírito: mas é visível que uns e outros são necessários ao progresso da razão.